

**O CORPO EM DISPUTA: VALORES MORAIS E ENUNCIADOS RESPONSIVOS
SOBRE O PROJETO DE LEI 1904/24 NO *INSTAGRAM*****THE BODY IN DISPUTE: MORAL VALUES AND RESPONSIVE UTTERANCES
ABOUT BILL 1904/24 ON *INSTAGRAM*****EL CUERPO EN DISPUTA: VALORES MORALES Y ENUNCIADOS
RESPONSIVOS SOBRE EL PROYECTO DE LEY 1904/24 EN *INSTAGRAM***Gabriele da Silva Santos¹Manassés Moraes Xavier²**RESUMO**

O presente artigo analisa os enunciados responsivos produzidos no *Instagram* a partir das discussões em torno do Projeto de Lei 1904/24 no período de junho de 2024, momento em que ocorreu a urgência aprovada no Congresso e grande repercussão nas redes. O projeto de Lei propõe equiparar o aborto realizado após 22 semanas de gestação ao crime de homicídio simples, inclusive em casos de estupro. A pesquisa, fundamentada na Teoria Dialógica da Linguagem sob o prisma de Bakhtin e o Círculo, busca compreender como valores morais e ideológicos se materializam discursivamente nas redes sociais digitais, configurando o corpo feminino como signo verboideológico em disputa, isto é, como o corpo feminino é socialmente construído, visto e, sobretudo, moldado dentro das crenças e valores da sociedade. Adota-se o método indutivo e a análise qualitativa de três comentários extraídos de publicações jornalísticas, os quais evidenciam o embate axiológico entre perspectivas religiosas e progressistas no espaço público digital. As análises demonstram que as redes sociais funcionam como arenas de confrontos valorativos, nas quais os sujeitos constroem e reafirmam identidades e visões de mundo. Conclui-se que, no debate sobre o aborto, o discurso religioso ocupa posição central na constituição das vozes sociais, refletindo um contexto brasileiro marcado pela polarização, pela tensão entre moral e direito e pela disputa simbólica em torno do corpo feminino.

Palavras-chave: discurso; valoração; corpo feminino; ideologia; redes sociais digitais.

ABSTRACT

This article analyzes responsive utterances produced on Instagram based on discussions surrounding Bill No. 1904/24 during June 2024, a period marked by the approval of urgency in Congress and widespread repercussion on social media. The bill proposes equating abortion performed after 22 weeks of gestation with the crime of simple homicide, including in cases of rape. Grounded in the Dialogical Theory of Language from the perspective of Bakhtin and the Bakhtin Circle, the research seeks to understand how moral and ideological values are discursively materialized in digital social networks, configuring the female body as a verbo-ideological sign in dispute. In this sense, the study examines how the female body is socially constructed, perceived, and, above all, shaped within the beliefs and values of society. An inductive method and qualitative analysis are adopted, based on three comments extracted from journalistic posts, which reveal the axiological confrontation between religious and progressive perspectives in the digital public sphere. The analyses demonstrate that social networks function as arenas of value-based confrontation, in which subjects construct and reaffirm identities and worldviews. It is concluded that, in the debate on abortion, religious discourse occupies a central position

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), <https://orcid.org/0009-0003-3619-2948>, gabyysantoss@gmail.com.

² Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), Universidade Federal da Paraíba, <https://orcid.org/0000-0002-2628-8183>, manasses.morais@professor.ufcg.edu.br.

in the constitution of social voices, reflecting a Brazilian context marked by polarization, by the tension between morality and law, and by the symbolic dispute surrounding the female body.

Keywords: discourse; evaluation; female body; ideology; digital social networks.

RESUMEN

El presente artículo analiza los enunciados responsivos producidos en Instagram a partir de las discusiones en torno al Proyecto de Ley n.º 1904/24 durante el mes de junio de 2024, período marcado por la aprobación de la urgencia en el Congreso y por una amplia repercusión en las redes sociales. El proyecto de ley propone equiparar el aborto realizado después de las 22 semanas de gestación al delito de homicidio simple, incluso en casos de violación. Fundamentada en la Teoría Dialógica del Lenguaje desde la perspectiva de Bajtín y el Círculo de Bajtín, la investigación busca comprender cómo los valores morales e ideológicos se materializan discursivamente en las redes sociales digitales, configurando el cuerpo femenino como un signo verboideológico en disputa. En este sentido, se examina cómo el cuerpo femenino es socialmente construido, percibido y, sobre todo, moldeado dentro de las creencias y valores de la sociedad. Se adopta el método inductivo y un análisis cualitativo de tres comentarios extraídos de publicaciones periodísticas, los cuales evidencian el enfrentamiento axiológico entre perspectivas religiosas y progresistas en el espacio público digital. Los análisis demuestran que las redes sociales funcionan como arenas de confrontación valorativa, en las que los sujetos construyen y reafirman identidades y visiones de mundo. Se concluye que, en el debate sobre el aborto, el discurso religioso ocupa una posición central en la constitución de las voces sociales, reflejando un contexto brasileño marcado por la polarización, la tensión entre moral y derecho y la disputa simbólica en torno al cuerpo femenino.

Palabras clave: discurso; valoración; cuerpo femenino; ideología; redes sociales digitales.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o debate acerca do aborto no Brasil ocupa um espaço de tensão entre diferentes esferas de valor — moral, religiosa, jurídica e política — que se interligam através na constituição de discursos sobre o corpo feminino e seus direitos. Em 2024, com a tramitação do Projeto de Lei 1904/24, que propõe equiparar o aborto legal ao crime de homicídio simples, mesmo em casos de estupro, essa disputa verboideológica ganhou novo fôlego, especialmente nas redes sociais digitais, onde a circulação de sentidos é marcada pela polarização e pela mobilização de discursos de autoridade. Nesse cenário, o *Instagram*, enquanto espaço de interações discursivas, torna-se uma arena em que sujeitos se posicionam, respondem e reacentuam discursos previamente existentes, revelando o modo como valores sociais e morais são atualizados e confrontados na esfera digital.

Na esteira desse raciocínio, compreender as materializações desse embate exige considerar que os enunciados não se produzem isoladamente, mas se constituem em diálogo com outros enunciados, em uma cadeia contínua de respostas e reações. Sob essa perspectiva, a Teoria Dialógica da Linguagem, à luz do Círculo de Bakhtin, oferece instrumentos potentes para pensarmos o discurso enquanto acontecimento social, ideologicamente orientado e

axiologicamente marcado. A questão do corpo feminino, ao ocupar o centro das discussões em torno do PL 1904/24, emerge como um signo saturado de sentidos e valores em disputa. As vozes que se entrecruzam nas redes sociais digitais mobilizam diferentes compreensões sobre o corpo, a moral e a autonomia, evidenciando o quanto essa temática ultrapassa o campo jurídico e adentra a esfera ideológica. O corpo da mulher torna-se, nesse contexto, território simbólico onde se projetam crenças religiosas, visões políticas e concepções morais que se chocam e se reconfiguram no confronto entre discursos.

Nas interações acerca da tramitação da PL que se desenrolam no *Instagram*, o dizer sobre o corpo feminino é sempre uma tomada de posição, nunca neutra, nunca isolada. Cada comentário carrega uma resposta ao outro e antecipa novas réplicas, instaurando uma cadeia dialógica marcada por valores que se confrontam e se (re)significam mutuamente. Essa dinâmica evidencia que a palavra, especialmente em temas moralmente sensíveis, é sempre um ato carregado de valoração, em que os sujeitos reafirmam ou tensionam suas pertencas ideológicas diante do olhar coletivo.

Dado exposto, esta investigação objetiva analisar como o corpo feminino é discursivamente disputado em interações sobre o PL 1904/24 na rede social digital *Instagram*, considerando as valorações morais, políticas e religiosas que atravessam os enunciados e o modo como os sujeitos respondem a discursos de autoridade. Com o fito de atingirmos o objetivo proposto, a metodologia consistirá em uma análise qualitativa de comentários extraídos de publicações (posts) acerca da PL supracitada.

POR UMA APRECIÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste artigo ancora-se nos pressupostos da Teoria Dialógica da Linguagem, desenvolvida por Bakhtin e pelo Círculo, a partir da qual compreendemos a linguagem como um espaço de interação, confronto e valoração. Busca-se, nesse percurso, discutir como os sentidos se constroem nas relações discursivas, considerando a palavra como instância social e ideológica que materializa as tensões entre diferentes vozes e horizontes valorativos. Assim, a primeira seção aborda os fundamentos da Teoria Dialógica e o papel da palavra enquanto arena de embates axiológicos; em seguida, discute-se a valoração e a ideologia, compreendendo o corpo feminino como signo verboideológico em disputa; por fim, analisa-se o discurso nas redes sociais digitais, observando como a responsividade e a circulação de valores configuram um espaço dinâmico de produção de sentidos e de disputas simbólicas contemporâneas.

A PALAVRA COMO ESPAÇO DE CONFRONTO: FUNDAMENTOS DA TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Pensar a linguagem sob a perspectiva bakhtiniana implica concebê-la como um fenômeno essencialmente social, atravessado por valores, posições e ideologias. Ao contrário das abordagens que reduzem a língua a um sistema abstrato ou a um conjunto de regras formais, o Círculo de Bakhtin concebe a linguagem como prática viva, histórica e relacional. Todo dizer, portanto, nasce de um contexto concreto de interação, no qual os sujeitos assumem lugares enunciativos permeados por tensões e contradições, assim, vislumbramos:

[...] a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação “ao outro”. (...) A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (Volochinov, 2018 [1929], p. 205).

A palavra, nesse horizonte teórico, é o lugar em que se materializa a luta de vozes sociais. É nela que se cruzam diferentes pontos de vista, diferentes modos de compreender o mundo e de atribuir sentido à experiência humana. Como afirma Bakhtin (2011 [1919-1974]), cada enunciado se forma na intersecção de diversas consciências e carrega a marca do diálogo permanente entre o eu e o outro. Esse diálogo não é apenas uma relação entre locutor e interlocutor, mas uma dimensão constitutiva do próprio enunciado: ele existe apenas em relação a outros dizeres, passados, presentes e antecipados.

À luz dessa perspectiva, a linguagem é compreendida como um campo de forças, no qual se travam disputas simbólicas entre valores e ideologias. O sujeito, ao falar, não é fonte autônoma de sentido; ele se move entre discursos anteriores, apropriando-se de palavras já carregadas de história e de avaliações sociais. Assim, toda palavra é uma palavra “do outro”, e o ato de enunciar implica sempre uma tomada de posição diante das vozes que já significaram o mundo. A noção de dialogismo, portanto, ultrapassa a ideia de mera troca comunicativa: ela define a própria natureza da linguagem. É no diálogo, entendido como relação viva, responsiva e valorada entre vozes, que se dá a construção de sentido. Essa perspectiva rompe com a noção de neutralidade discursiva e destaca que o sentido nasce do confronto, do embate e da interação. Dado exposto, esclarecemos:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação

viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (Bakhtin 2011, [1919-1974], p. 88).

No contexto das redes sociais digitais, esse princípio adquire uma visibilidade particular. Os sujeitos se encontram em um espaço discursivo amplificado, onde as fronteiras entre o individual e o coletivo se tornam porosas, e onde cada enunciado é imediatamente submetido à resposta do outro. As interações *online*, ao mesmo tempo que multiplicam as possibilidades de expressão, intensificam o caráter conflitivo da palavra, tornando as redes uma arena onde discursos ideológicos se entrecruzam e disputam legitimidade. Assim, compreender o fenômeno discursivo sob a ótica bakhtiniana é compreender a palavra como um espaço de confronto, em que valores e visões de mundo se encontram, se chocam e se reconfiguram continuamente.

VALORAÇÃO E IDEOLOGIA: O CORPO FEMININO COMO SIGNO VERBOIDEOLÓGICO EM DISPUTA

A palavra, para o Círculo de Bakhtin, nunca é neutra, ela é sempre uma forma ideológica, cada enunciado carrega uma posição valorativa que expressa o modo como o sujeito se insere no mundo e se relaciona com as esferas sociais de produção de sentido, assim, “toda palavra é orientada em função de um interlocutor e carrega consigo uma carga de avaliação. Não existe palavra sem uma tonalidade apreciativa.” (Volochinov, 2018 [1929], p. 102). É nesse horizonte que a categoria de valoração ganha centralidade: ela se refere à dimensão axiológica da linguagem, ao modo como o dizer reflete e refrata valores, crenças e ideologias historicamente situadas. Sob esse prisma, damos ênfase a voz de Volochinov (2018 [1929], p. 98), que infere:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não existe fora da valoração: toda ela está impregnada de conteúdo e de sentido ideológico ou valorativo. É impossível retirar a valoração da palavra e conservar ao mesmo tempo o seu significado, pois não existe palavra sem uma tonalidade apreciativa. Toda a nossa vida interior é um discurso interior ininterrupto, orientado dialogicamente, e este discurso interior, exatamente como o exterior, está impregnado de valoração. Toda enunciação viva, por mais simples que seja, está indissolivelmente ligada à avaliação, pois é produzida no seio de uma situação social concreta, permeada de ideologias.

Ao observarmos o modo como o corpo feminino é discursivizado nas redes sociais digitais, percebemos que ele se converte em um signo saturado de valoração. O corpo da mulher é constantemente significado por diferentes vozes sociais (religiosas, políticas, científicas, midiáticas), que o inscrevem em campos de sentido divergentes. Em torno dele, travam-se disputas simbólicas que revelam não apenas conflitos de opinião, mas embates mais profundos sobre moralidade, autonomia e poder.

No caso do Projeto de Lei 1904/24, essas disputas tornam-se ainda mais evidentes, as vozes que emergem no debate público mobilizam valores morais e religiosos para legitimar seus posicionamentos, evidenciando o entrelaçamento entre o discurso jurídico e o discurso ético-religioso. Ao mesmo tempo, vozes contrárias a essa proposta reivindicam o direito ao corpo e à autonomia reprodutiva como expressão de resistência e de enfrentamento a um projeto ideológico que busca controlar o corpo da mulher por meio da lei. O corpo feminino, portanto, torna-se um signo verboideológico em disputa, pois nele se projetam concepções de mundo e horizontes valorativos antagônicos. A linguagem, nesse contexto, funciona como o terreno onde essas disputas se materializam. Os enunciados sobre o corpo não apenas descrevem um objeto, mas o constituem discursivamente, eles dizem o corpo e, ao fazê-lo, o produzem como campo de significação política e moral.

Desse modo, compreender os enunciados que circulam sobre o corpo feminino nas redes sociais digitais significa compreender também as formas de valoração que o atravessam. Cada palavra, cada comentário e cada réplica expressam modos particulares de avaliar e de posicionar-se diante do mundo, revelando as forças ideológicas que se enfrentam na arena discursiva contemporânea.

O DISCURSO NAS REDES: RESPONSABILIDADE E CIRCULAÇÃO DE VALORES NO ESPAÇO DIGITAL

As redes sociais digitais configuram-se, hoje, como um dos espaços mais expressivos de circulação de discursos e de produção de sentidos, pois, segundo Xavier (2023) elas se constituem como espaço capaz de proporcionar vivências, capaz de proporcionar aos sujeitos participantes do processo experiências linguísticas que, orientadas por normas de convivência e práticas interacionais, favorecem o compartilhamento de saberes, o diálogo e a constituição de relações efetivamente dialógicas. Ao propiciarem a interação imediata entre sujeitos socialmente diversos, elas se tornam arenas discursivas marcadas pela presença da responsividade, princípio fundamental da teoria bakhtiniana que compreende o enunciado como

elo em uma cadeia contínua de respostas. Todo dizer é, ao mesmo tempo, resposta a um já dito e antecipação de novos dizeres, uma vez que “o enunciado é pleno de ecos e de ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.” (Bakhtin, 2011 [1919-1974], p. 297). Essa dinâmica, intensificada pelas possibilidades tecnológicas de comentário, compartilhamento e reação, faz com que o discurso digital se apresente como uma teia de enunciados interconectados. O sujeito que fala nas redes não apenas expressa uma opinião, mas responde a uma multiplicidade de vozes e de valores que circulam socialmente.

Nesse cenário, o discurso não se limita à transmissão de informação; ele se converte em uma forma de ação social, de posicionamento e de disputa. As palavras ganham visibilidade, são avaliadas, confrontadas e reinterpretadas em tempo real. Como lembra Bakhtin (2011 [1919-1974]), o sentido não está na palavra isolada, mas no encontro entre vozes e, nas redes, esse encontro se torna incessante.

O espaço digital, portanto, opera como uma esfera pública verboideológica, onde valores e crenças circulam, se confrontam e se reconfiguram. Essa circulação não é neutra: ela reflete hierarquias de poder, disputas por legitimidade e a constante tentativa de impor certas visões de mundo sobre outras. A análise dos comentários sobre o PL 1904/24 no *Instagram*, nesse sentido, permite vislumbrar como diferentes sujeitos se apropriam da linguagem para responder, refutar ou reafirmar discursos que tocam o cerne das discussões morais e políticas contemporâneas. Assim, o estudo da responsividade e da circulação de valores nas redes sociais digitais evidencia que o discurso, longe de ser mero reflexo da realidade, é uma força ativa de produção de sentidos e de construção ideológica do mundo. É nesse espaço de múltiplas vozes que se revelam as tensões entre os valores que sustentam o tecido social, tornando o digital não apenas um meio de comunicação, mas um lugar privilegiado para observar a luta verboideológica de nossa época.

Desse modo, ao compreender o discurso como um campo de disputas valorativas e ideológicas, marcado pela responsividade e pela multiplicidade de vozes que o constituem, abre-se espaço para observar como esses movimentos se materializam nos enunciados que circulam nas redes sociais digitais. As reflexões aqui desenvolvidas sustentam o olhar analítico que será direcionado aos comentários sobre o Projeto de Lei 1904/24, uma vez que é nesse espaço que os sentidos sobre o corpo feminino são construídos, tensionados e ressignificados. A seguir, delineia-se o percurso metodológico adotado para a análise, a fim de explicitar os caminhos teórico-analíticos que orientam esta pesquisa.

METODOLOGIA

A presente pesquisa inscreve-se no campo da Análise Dialógica do Discurso, ancorada nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, que compreende a linguagem como prática social e ideológica. Nessa perspectiva, o enunciado é entendido como unidade concreta da comunicação, sempre atravessado por vozes sociais que revelam valores e posicionamentos historicamente situados. Em termos da caracterização da pesquisa, nos baseamos nas contribuições de Prodanov e Freitas (2013), ao que concerne, metodologicamente, ao tipo de pesquisa, que, a saber, é concebida como descritiva, visto que objetivamos descrever os fenômenos linguísticos ocorrido comentários *on-line* em uma rede social digital, o *Instagram*.

O *corpus* será constituído por comentários publicados no *Instagram* em postagens de páginas jornalísticas que abordaram o Projeto de Lei 1904/2024, conhecido como PL do aborto. O recorte temporal compreende o mês de junho de 2024, período em que o projeto esteve em pauta nas discussões públicas e mobilizou debates intensos nas redes sociais. A escolha do *Instagram* decorre do fato de essa plataforma configurar-se como um espaço de circulação de discursos em que sujeitos comuns, mediados pela tecnologia, participam ativamente da construção e da disputa de sentidos sobre temas de relevância social. Nos comentários, observa-se a emergência de vozes que se entrelaçam, se confrontam e se respondem mutuamente, constituindo um material discursivo propício à análise de valores verboideológicos.

Foram selecionados três comentários de postagens que têm como tema central o Projeto de Lei aqui citado que tematizam, de forma explícita, a relação entre religião, moral e vida. O critério de escolha fundamenta-se na possibilidade de identificar enunciados que expressam, de modo representativo, a presença de discursos religiosos e políticos em conflito, evidenciando os modos como esses discursos produzem sentidos e orientam posicionamentos. Destacamos, portanto, que não será necessária a submissão da pesquisa ao comitê de ética, visto que utilizaremos de informações públicas dispostas em páginas do *Instagram*, bem como retiramos qualquer informação que possa vir identificar os membros. Assim, optamos por substituir os nomes reais dos participantes por nomeações fictícias para fins de análise de dados, assim como usamos de figuras que ocultem suas fotos, logo, suas identidades.

Por fim, no que se refere ao tratamento a ser oferecido aos dados desta pesquisa, assumimos uma abordagem qualitativa, tendo em vista que procuramos descrever, analisar e interpretar os dados, pois, como defendido por Minayo (2002, p. 21-22), a pesquisa qualitativa opera com um universo de significados, aspirações, valores, que se referem a um espaço mais profundo dos fenômenos que não podem ser sintetizados à operacionalização de variáveis. A adoção do método indutivo justifica-se pelo fato de que ele possibilita partir da observação dos

enunciados para, a partir deles, compreender as relações de sentido e as motivações sociais e ideológicas que orientam o comportamento discursivo dos sujeitos.

POR UMA DISCUSSÃO ANALÍTICA

Os comentários analisados nesta seção foram coletados em publicações da rede social digital *Instagram* que tratam da tramitação e das discussões em torno do Projeto de Lei nº 1904/24, o qual propõe equiparar o aborto realizado após a 22ª semana de gestação ao crime de homicídio simples, inclusive nos casos de gravidez resultante de estupro. Essas postagens, veiculadas em páginas jornalísticas de ampla visibilidade, mobilizaram uma intensa circulação de discursos e evidenciaram a heterogeneidade de vozes que compõem o debate público digital sobre o tema. Os comentários de número 1 e 2, foram extraídos de uma publicação feita pela página jornalística *GloboNews*, em que é discutido como uma pesquisa quantitativa acerca da aceitação ou não aceitação da PL, já o comentário 3 foi extraído de uma publicação feita pela Deputada Federal de Santa Catarina, Caroline de Toni, em que demonstra seu total apoio à homologação da PL.

A escolha dos comentários parte do princípio de que cada enunciado constitui uma resposta situada, reveladora de posições valorativas e ideológicas dos sujeitos frente a um acontecimento social de alta carga moral. Assim, o espaço discursivo das redes sociais digitais é compreendido, à luz da Teoria Dialógica do Discurso, como um campo de embate verboideológico, em que diferentes sujeitos assumem o dizer como forma de participação ativa na vida social. A análise que segue busca, portanto, compreender como os sentidos em disputa em torno do corpo feminino se constroem e se confrontam nesses enunciados concretos, considerando a responsividade, a valoração e os horizontes ideológicos que os atravessam. Dado o contexto, vejamos os comentários:

Comentário 1: A fê como celebração da vida e apagamento do outro.

 FÁBIO
A vida venceu 🙏🙏🙏
Responder



Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C8KCTA6JdkP/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFlZA== Acesso em: 28 de outubro de 2025.

O primeiro comentário, emerge como enunciado fortemente marcado por uma valoração moral e religiosa, revelando a presença de um horizonte axiológico pautado em princípios teocêntricos. Nesse dizer, o valor atribuído à vida é elevado à condição de absoluto, instaurando uma relação direta entre fé e política. Segundo Bakhtin (2011 [1919-1974]), a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor, e é nesse território que se manifesta a luta pelo sentido. Ao afirmar que “a vida venceu”, o enunciador se inscreve em uma rede de vozes que defendem a sacralidade da vida e se opõem à descriminalização do aborto, reforçando uma visão conservadora que busca legitimar, pela linguagem, a intervenção religiosa no espaço público. O uso do emoji, ícone importante para o discurso digital, de oração intensifica a carga valorativa do enunciado, funcionando como signo de fé e concordância moral. Observa-se, assim, um enunciado-resposta que, embora breve, é denso em significação, pois dialoga com um discurso religioso historicamente legitimado e reitera uma posição ideológica que, ao se opor à autonomia feminina, reafirma a assimetria entre valores morais e direitos individuais.

Para Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 297), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”, e justamente por isso “não existe palavra sem um conteúdo ideológico ou sem uma orientação valorativa”. Assim, o uso da expressão “A vida venceu” revela uma valoração que transcende o campo biológico, pois o termo “vida” é mobilizado como signo verboideológico de uma visão de mundo específica, uma visão que, no contexto brasileiro, é fortemente atravessada pelo discurso religioso, sobretudo de matriz cristã e conservadora. O verbo “venceu” introduz a ideia de disputa, de combate simbólico, indicando que o enunciador percebe o resultado da votação do projeto de lei como uma vitória moral e espiritual sobre aquilo que considera uma ameaça à vida, nesse sentido, a oração é atravessada por vozes sociais múltiplas

Nessa perspectiva, podemos inferir que o locutor não fala a partir de uma individualidade isolada, mas reitera uma voz coletiva, sustentada por uma formação discursiva que associa o aborto à morte, ao pecado e à desordem moral. Como aponta Volóchinov (2018 [1929], p. 102), “cada enunciado está impregnado de orientações valorativas e de ecos de outros enunciados”, o que significa que o sujeito, ao enunciar, dialoga com discursos pré-existentes. No caso em questão, o enunciador ecoa o discurso religioso tradicional que confere à vida, entendida como dom divino, um valor supremo e inquestionável.

A presença do emoji de mãos postas, ícones fortemente presente no discurso em ambiente virtual, reforça o tom devocional do enunciado, introduzindo uma marca não verbal de reverência e gratidão a uma instância transcendente. Essa forma expressiva contribui para o sentido global da enunciação, pois, como destaca Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 11), “todo enunciado é determinado tanto pelas formas e gêneros de comunicação quanto pela situação concreta e pelas intenções do locutor”. O emoji atua como um recurso que intensifica a dimensão avaliativa e emocional da enunciação, estabelecendo um laço de cumplicidade entre o autor e o grupo de pertencimento que partilha da mesma valoração.

O enunciado, portanto, é um ato responsivo: ele se dirige a outros enunciados e antecipa respostas de concordância ou contestação. No contexto discursivo da PL 1904/24, o “A vida venceu” funciona como réplica às vozes que defendem o direito reprodutivo das mulheres, configurando-se como uma resposta valorativa dentro de uma cadeia comunicativa mais ampla. Para Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 272), “compreender um enunciado é ocupar uma posição responsiva em relação a ele”, e esse princípio é essencial para entender o funcionamento discursivo nas redes sociais digitais, em que cada postagem e comentário se inscrevem em um campo de disputas ideológicas.

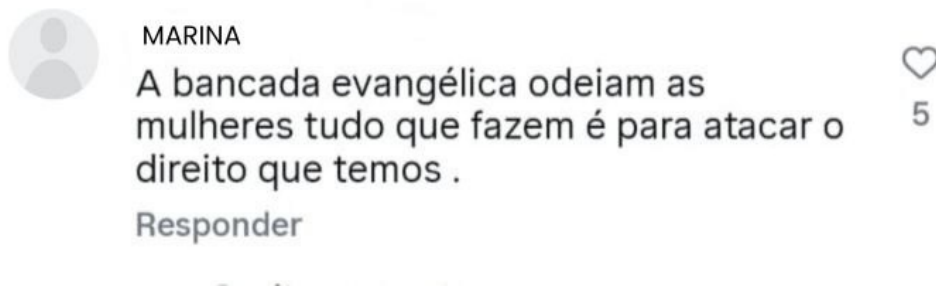
O sentido de vitória expresso no comentário só se concretiza em oposição a um outro, aquele que teria sido derrotado. Esse “outro” é o conjunto de discursos que defendem o direito da mulher à autonomia sobre o próprio corpo, discurso que, na lógica do enunciador, é associado à morte, à imoralidade e à desobediência aos princípios religiosos. A oposição entre vida e morte, pureza e pecado, ordem e desordem reflete a presença de um sistema axiológico rigidamente polarizado, no qual o corpo feminino é reduzido a um campo de batalha simbólica.

Nesse cenário, o “vencer” não diz respeito apenas à aprovação de um projeto de lei, mas à tentativa de reafirmação de uma hegemonia discursiva que busca naturalizar um modelo de moralidade ancorado na fé e na autoridade patriarcal. O discurso religioso, ao se infiltrar nas esferas jurídicas e políticas, adquire força de verdade e busca silenciar outras vozes que propõem leituras distintas do corpo e da vida. Assim, o comentário analisado se insere em um processo de reacentuação, conceito bakhtiniano que descreve a capacidade que um discurso tem de ressignificar o outro. O termo “vida”, reacentuado pelo discurso religioso, passa a carregar sentidos dogmáticos e normativos, distanciando-se de concepções mais plurais e socioculturais da existência.

Por fim, é importante destacar que o enunciado não apenas reflete uma ideologia, ele participa da construção de um imaginário coletivo em que o corpo feminino é objeto de regulação moral e política. O sujeito enunciator, ao afirmar que “a vida venceu”, legitima uma política de controle e silenciamento, ainda que sob o véu da defesa da vida. Como observa Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 323), “a palavra vive na fronteira entre o eu e o outro”, e é justamente nessa fronteira que se revelam as tensões entre fé, moralidade e poder. O discurso, nesse caso, opera como instrumento de reafirmação de valores conservadores que se projetam sobre o corpo e a autonomia das mulheres, reafirmando hierarquias históricas que persistem no cenário brasileiro.

Seguindo nesse cenário, vejamos o comentário da internauta Marina, que reflete, em modo de oposição, ao comentário anterior:

Comentário 2: A denúncia da opressão e o embate ideológico com o discurso religioso.



Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C8Ngf4jv6cu/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA== Acesso em: 28 de outubro de 2025.

O segundo comentário se inscreve no mesmo contexto discursivo do primeiro, mas em posição antagônica. Aqui, a voz que emerge é de resistência e contestação, dirigida não apenas à aprovação da PL 1904/24, mas à estrutura ideológica que a sustenta. O enunciado mobiliza uma resposta avaliativa, produzindo um contra-discurso que se coloca frontalmente em oposição às vozes religiosas e conservadoras que fundamentam o projeto de lei. Nesse sentido, evidencia-se o que Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 300) denomina de luta de vozes sociais, pois “a palavra é o terreno em que se travam as lutas de classes e os conflitos ideológicos de cada época”.

A expressão “a bancada evangélica” opera como um signo ideológico concentrado, que representa um grupo social e político específico, reconhecido por sua atuação na defesa de pautas morais vinculadas a princípios religiosos. O uso do verbo “odeiam”, em tom enfático, marca a presença de uma valoração negativa explícita, revelando o modo como o enunciador percebe a atuação desse grupo no cenário político brasileiro. Para Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 289), “todo discurso é orientado para o outro e contém em si o germe de uma resposta”, e é justamente nesse ponto que a natureza responsiva do comentário se manifesta, trata-se de uma réplica direta à hegemonia discursiva do campo religioso, que se apropria da linguagem da moral e da fé para justificar políticas de controle sobre o corpo feminino.

Ao afirmar que “tudo que fazem é para atacar o direito que temos”, o enunciador, aqui denominado como Marina, constrói uma generalização que reforça o antagonismo entre dois polos ideológicos: de um lado, os que defendem a sacralização da vida e a criminalização do aborto; de outro, os que lutam pela autonomia e pelos direitos reprodutivos das mulheres. Esse embate evidencia o caráter dialogicamente tenso das redes sociais, nas quais a linguagem se torna instrumento de disputa e resistência. Segundo Volóchinov (2018 [1929], p. 117), “a palavra é o produto da interação viva entre forças sociais que se chocam no interior de um determinado grupo social”, e é justamente essa interação conflituosa que confere à enunciação sua carga axiológica.

O comentário evidencia, ainda, o modo como o discurso religioso tem se imbricado no campo político, produzindo efeitos concretos sobre as decisões legislativas e sobre a construção de sentidos em torno do corpo feminino. A crítica dirigida à “bancada evangélica” não é meramente moral, mas política e ideológica: o enunciador reconhece o papel dessa bancada como agente de manutenção de valores conservadores e de restrição de direitos. Nesse ponto, a análise dialógica permite compreender que a luta discursiva não se dá apenas em nível semântico, mas também nas esferas de poder.

O tom avaliativo do enunciado indica um movimento de reavaliação, termo que, para Teoria Dialógica do Discurso, designa o processo pelo qual um signo é deslocado de uma esfera ideológica para outra, adquirindo novos sentidos. O discurso religioso, que se propõe como expressão de amor e cuidado com a vida, é aqui reinterpretado como discurso de opressão e negação de direitos. Essa reavaliação é um ato de resistência simbólica, pois o sujeito falante desmascara a pretensa neutralidade moral do discurso religioso, revelando seu caráter político e normativo.

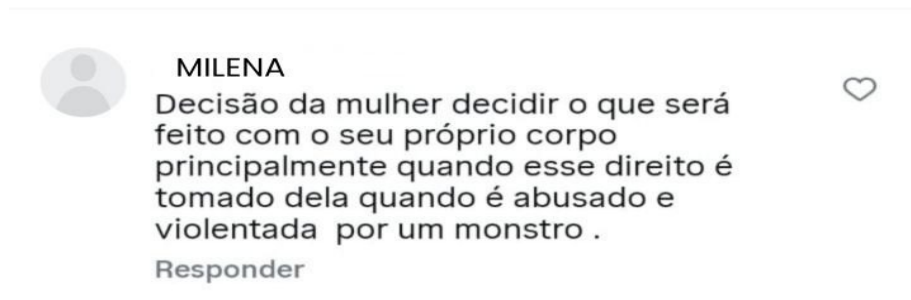
Na esteira desse raciocínio, destacamos o aspecto relevante para discursos proferidos no ambiente digital: a presença de uma sintaxe espontânea e fluida, sem pontuação normativa “a bancada evangélica odeiam as mulheres tudo que fazem é para atacar o direito que temos”, que reproduz a oralidade característica das interações em rede. Essa forma de composição linguística, longe de ser um erro, é reveladora da autenticidade do enunciador, cuja voz é construída na urgência da réplica. Para Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 23), “a forma e o conteúdo de um enunciado são inseparáveis da situação de comunicação”, o que significa que as escolhas linguísticas refletem a posição social, afetiva e ideológica do falante.

A acusação de que a bancada “odeiam as mulheres” deve ser entendida como uma hipérbole valorativa, que, ao mesmo tempo que acusa, denuncia a violência simbólica - uma vez que não há uma violência explícita e materializada, mas sim uma violência velada, visto que, segundo a afirmação da internauta, a bancada evangélica do Congresso usa do poder para dar força à projetos que deslegitimam o poder da mulher sobre a própria vida e corpo - inscrita nas ações legislativas que cerceiam o direito de escolha feminina. O verbo “odiar” funciona, aqui, como um marcador de valoração extrema, é a cristalização verbal de um conflito histórico, em que o corpo feminino é o território onde se projetam as tensões entre o religioso e o laico, o público e o privado, o político e o moral. Como afirma Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 285), “o enunciado é inseparável das condições sociais e históricas de sua produção”, e é nesse entrecruzamento de vozes e forças sociais que se constitui o sentido. A partir disso, pode-se perceber que o comentário não apenas reage, mas reage avaliando, instaurando uma nova voz na cadeia discursiva. O enunciador ocupa uma posição de alteridade crítica, sua palavra não é a primeira nem a última, mas uma resposta que se inscreve em um diálogo contínuo. A crítica ao campo religioso revela uma consciência discursiva de que o debate sobre o aborto ultrapassa a dimensão jurídica e adentra o campo da moral e da ideologia. Assim, a enunciação se configura como ato de resistência discursiva e política, pois, ao nomear a opressão, o sujeito também a confronta.

Em síntese, o segundo comentário evidencia a polifonia que caracteriza o espaço discursivo das redes sociais: vozes de fé, de resistência, de dor e de contestação se entrelaçam, disputando sentidos sobre o corpo e a vida. Essa multiplicidade não é harmônica, é atravessada por hierarquias, exclusões e disputas de poder. Mas é justamente essa tensão que torna a linguagem viva e socialmente significativa. Como afirma Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 327), “a linguagem é o campo de batalha onde se enfrentam os valores sociais em conflito”. Nesse caso, o corpo feminino é o signo central dessa disputa, e as palavras, suas armas simbólicas.

Dado exposto, finalizemos com o comentário da internauta Milena, que expressa sua revolta perante a disputa pelo poder de decisão sob o corpo da mulher no atual cenário político-ideológico brasileiro

Comentário 3: reivindicação do direito ao corpo feminino e a resistência enunciativa.



Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C8XVboGuHQh/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFiZA== Acesso em: 28 de outubro de 2025.

O terceiro comentário, que denominamos seu autor de Milena, evidencia uma voz profundamente marcada pela dimensão ética e pela experiência de sofrimento. Ao enunciar a “decisão da mulher decidir o que será feito com seu próprio corpo”, a internauta constrói um enunciado que retoma, de forma responsiva, um dos núcleos temáticos mais tensos do debate em torno do Projeto de Lei 1904/24: a autonomia feminina frente às imposições religiosas e estatais. Esse comentário emerge como um ato ético e responsivo, pois traduz, pela palavra, um posicionamento valorativo que confronta as forças sociais que buscam controlar o corpo e a vontade da mulher. Para Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 293), “viver significa ocupar uma posição valorativa em relação ao ser”, e é justamente essa posição, de defesa, dor e resistência, que estrutura o enunciado.

O discurso é permeado por uma carga afetiva intensa, expressa não apenas pelo conteúdo semântico, mas também pela estrutura sintática: há uma ausência de pontuação convencional, o que reproduz a urgência e a comoção da fala. Essa fluidez linguística revela uma enunciação de caráter emocional, não mediada, que busca interpelar o outro de modo direto, rompendo com o distanciamento formal que caracteriza os discursos institucionais. Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 25) afirma que “o enunciado é inseparável de sua situação social concreta e da orientação que o locutor adota em relação ao interlocutor”, e é nessa relação imediata com o outro, o leitor virtual e o sistema que regula o corpo feminino, que se manifesta a dimensão dialógica da fala. A internauta recorre à palavra “monstro” para se referir ao

agressor, o que introduz um elemento de valoração extrema. Trata-se de um signo saturado de julgamento moral, que opera uma desumanização do agente da violência e, simultaneamente, uma humanização da vítima. A escolha lexical carrega uma dimensão axiológica profunda, que remete à noção de valoração como categoria fundante da linguagem.

O comentário, portanto, é um ato de resistência discursiva frente à objetificação do corpo feminino. A defesa da “decisão da mulher” contrapõe-se diretamente à ideologia patriarcal e religiosa que pretende submeter essa decisão à moral coletiva. A luta pelo direito de escolha é, aqui, uma luta pelo reconhecimento do sujeito como agente de sua própria história. Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 358) lembra que “o homem participa da realidade através da palavra”, e, nesse caso, a palavra “decisão” torna-se símbolo de luta, lugar de afirmação da subjetividade e da autonomia feminina.

O enunciado também denuncia a violência institucional e simbólica que recai sobre as mulheres em situação de abuso, ao afirmar que esse direito lhes é “tomado”. A escolha desse verbo é reveladora: “tomar” implica retirar algo que pertence a alguém, reforçando a percepção de que a sociedade e o Estado expropriam da mulher o poder sobre seu próprio corpo. Através dessa formulação, o comentário desvela a dimensão sociodiscursiva do poder, na qual o corpo se torna o espaço de exercício e contestação das ideologias. Para Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 287), “a palavra é o mais sensível indicador das transformações sociais”, e, nesse sentido, a linguagem do comentário torna-se testemunho das tensões que atravessam o Brasil contemporâneo.

A voz que fala aqui é atravessada pela dor e pela memória coletiva de violência, não é uma fala isolada, mas a reverberação de múltiplas vozes femininas que, historicamente, foram silenciadas. O espaço digital, nesse caso, funciona como uma arena de enunciação que possibilita o retorno dessas vozes ao espaço público. Tal movimento evidencia o caráter ético da responsividade: o sujeito não apenas reage ao discurso dominante, mas o faz com base em um compromisso moral com o outro. À luz dessa perspectiva, a forma como o comentário articula o sofrimento individual “abusado e violentada” com o direito coletivo “decisão da mulher” revela a natureza dialógica e social da linguagem: a dor pessoal é convertida em argumento político.

Esse processo de transvaloração, em que a experiência de violência se transforma em reivindicação de direito, ilustra o modo como o discurso, em sua dimensão ética, pode reconfigurar valores e produzir resistência. O enunciado, portanto, não se limita a expressar

indignação: ele reconstrói o sentido do corpo como território de autonomia e dignidade. O discurso religioso e conservador, que propaga a ideia de que a vida é um dom divino e, portanto, intocável, é aqui desafiado por uma outra ética: a da dignidade humana e da liberdade de escolha. A internauta recusa a moral heterônoma e reivindica uma moral da responsabilidade individual. Em termos bakhtinianos, esse embate é uma expressão da heteroglossia, ou seja, da coexistência de múltiplas vozes e valores sociais em conflito dentro do mesmo campo discursivo. A heteroglossia, segundo Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 319), é “a multiplicidade de vozes sociais, dialetos e perspectivas ideológicas que constituem a língua”. O *Instagram*, nesse sentido, torna-se o espaço de exteriorização dessa pluralidade, onde vozes subalternizadas encontram a possibilidade de ser ouvidas e de responder.

Ao mesmo tempo, o referido comentário explicita uma dimensão estrutural da polarização brasileira contemporânea. O embate entre discursos religiosos e laicos reflete a crise mais ampla de valores que atravessa o país, intensificada desde os processos políticos de 2016 e as eleições de 2018 e 2022. O campo discursivo se tornou terreno de uma disputa moral, em que o corpo feminino passou a funcionar como signo ideológico de poder, pureza ou pecado. A teoria dialógica ajuda a compreender esse fenômeno ao enfatizar que os sentidos não são estáveis nem unívocos — eles são sempre construídos na interação entre sujeitos socialmente situados. Assim, o conflito em torno do aborto não é apenas jurídico, mas profundamente discursivo: o que está em jogo é a autoridade sobre a palavra e sobre o corpo.

Em síntese, o terceiro comentário reitera a centralidade da responsividade e da valoração como categorias fundamentais para compreender a circulação discursiva nas redes sociais. Trata-se de uma enunciação marcada por dor, resistência e posicionamento ético, que ressignifica o corpo e a vida diante de uma estrutura social que tenta silenciá-los. A palavra, nesse contexto, não é apenas meio de comunicação, mas espaço de luta, um gesto de afirmação diante da violência simbólica e política.

A partir dos enunciados analisados, torna-se evidente que os comentários em torno do Projeto de Lei 1904/24 constituem espaços de embate valorativo, nos quais diferentes vozes disputam sentidos sobre o corpo feminino, a moral e o poder de decisão. As posições assumidas pelos sujeitos se materializam por meio de signos ideológicos que expressam a tensão entre a preservação de valores religiosos e a reivindicação da autonomia feminina, configurando uma arena discursiva marcada pela responsividade e pela polifonia. Assim, as redes sociais digitais se revelam como um espaço em que o dizer não apenas reflete uma opinião individual, mas refrata posicionamentos históricos e ideológicos que atravessam a sociedade brasileira. Nesse

contexto, a palavra emerge como território de luta, na qual os sujeitos, ao se apropriarem de discursos já-ditos, atualizam velhas disputas em novas formas, revelando que o corpo da mulher continua a ser um signo em disputa na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida ao longo deste artigo evidenciou que o debate em torno do Projeto de Lei 1904/24, ao adentrar o espaço digital, ultrapassa a esfera jurídica e assume um caráter profundamente ideológico, em que o corpo feminino se torna um signo verboideológico atravessado por valores morais e religiosos. O percurso teórico delineado, sustentado pela Teoria Dialógica da Linguagem, permitiu compreender que a palavra, em sua natureza social e axiológica, é sempre um campo de confronto, em que sentidos se entrecruzam, resistem e se transformam no interior das interações discursivas. Assim, ao observar os comentários no Instagram, compreende-se que o dizer sobre o aborto não se limita à expressão de uma opinião isolada, mas reflete e refrata formações discursivas que atravessam a história e as relações de poder no Brasil.

Os resultados da análise mostraram que cada comentário constitui uma resposta ativa a discursos previamente constituídos, configurando-se como um elo na cadeia enunciativa que se renova constantemente. Diante disso, a partir da leitura bakhtiniana, compreende-se que tais enunciados são constituídos por uma multiplicidade de vozes que se confrontam no interior da arena discursiva digital. Essa dinâmica revela não apenas o modo como os sujeitos se posicionam diante de temas sensíveis, mas também como as redes sociais funcionam como espaços de circulação e disputa de valores, onde o ideológico se manifesta na própria materialidade da linguagem. Em um país historicamente marcado pela interpenetração entre religião, política e moral, as interações em torno da PL 1904/24 reafirmam a persistência de uma polarização que ultrapassa o campo da opinião e se inscreve no modo como os sujeitos significam o mundo e o outro.

Dessa forma, conclui-se, portanto, que a análise discursiva dos comentários sobre a PL 1904/24, sustentada pela Teoria Dialógica da Linguagem, permite compreender o corpo feminino como um signo em constante disputa, cuja significação é sempre condicionada pelas vozes sociais que o atravessam. O discurso, nesse sentido, não apenas revela posições ideológicas, mas também atua na manutenção ou no questionamento de valores que estruturam o tecido social. Ao compreender o dizer como um ato responsivo e valorado, é possível perceber que o debate sobre o aborto nas redes sociais digitais não se esgota em posições antagônicas,

mas se constitui como um espaço de produção de sentidos, onde o sujeito, ao se relacionar com o outro, reinscreve e transforma os discursos que o constituem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 1904, de 2024. Altera o Código Penal para dispor sobre o crime de aborto e dá outras providências.** Brasília, DF, 2024.

Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2434493> >

Acesso em: 28 de outubro de 2025.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1919-1974].

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano; Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

XAVIER, M. M. **As redes sociais digitais como acontecimentos enunciativos de interação discursiva.** São Paulo: Mentis Abertas, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/96183499/e_Book_As_redes_sociais_digitais_como_acontecimentos_enunciativos_de_intera%C3%A7%C3%B5es_discursivas Acesso em: 30 de jul. de 2023.

Submetido em: 20/11/2025

Aceito em: 16/12/2025